

1. Alguns Dados Históricos do Concelho

“As origens da ‘terra’ e, portanto, da história do concelho, estão, sem dúvida, na época Romana, com raízes anteriores a esta”.¹ “Os restos pré-históricos são numerosos, bem como os traços da ocupação romana”.² “A arqueologia do território, pela sua abundância em vestígios da estância de povos pré-romanos (castros, edificações dolménicas, insculturas rupestres, restos de utensílios vários, desde a cerâmica aos metais, etc), está de perfeito acordo com o suposto. O próprio topónimo Cambra parece prova suficiente de asserto, através das formas antigas, Calambria (séc.XI) e Câmbria (séc. XII – XIV), que revelam o primitivo Calambriga. A origem céltica, pré-romana, pelo elemento ‘briga’ (altura fortificada) parece bem manifesta; somente faltam indicações precisas sobre o lugar alto e afortalezado onde existiu tal “civitas” que o papel administrativo medieval indica sem dúvidas romanizada”.³

“O concelho de Vale de Cambra (designação imposta em 1926, por Decreto de 31 de Dezembro de 1926) corresponde de modo quase exacto, se não perfeitamente, à velha circunscrição medieval, já anterior ao séc. XII no seu papel administrativo e chamada ‘julgado’ e ‘Terra’ de Cambra (...)”.⁴

Até ao século XIV tinha sido senhorio dos condes da feira, passando a partir desta altura a constituir um senhorio distinto por doação a Fernão Pereira, pai do 1º conde da Feira. Aquando da extinção da família dos Pereiras as terras de Cambra passaram para a Casa do Infantado, criada no século XVII e extinta no século XIX, com o advento do Liberalismo.

¹ Martins Ferreira – in *Grande Enciclopédia – Portuguesa e Brasileira*, vol. XXXIII, 1968

² Nogueira Gonçalves – *Inventário Artístico de Portugal*. Lisboa: Academia nacional de Belas Artes, 1991

³ Martins Ferreira – *Vale de Cambra e o Santuário de Nossa Senhora da Saúde*, 1968.

⁴ Martins Ferreira – *Grande Enciclopédia – Portuguesa e Brasileira*, vol. XXXIII, 1968.

“O rei D. Manuel I, confirmando as prerrogativas municipais dos reis anteriores, em 10 de Fevereiro de 1514, deu foral a Cambra (...). Circunstâncias de estado darão o concelho de Cambra ao conde da Feira, mas com essa doação feudal não se alterará a hegemonia política – administrativa do concelho (...).

O principal objectivo do Foral concedido por D. Manuel I a Cambra era facilitar o pagamento, por parte da gente desta Terra, das Inquirições e Justificações. A sede do concelho era, nessa altura, em Macieira, que antes da reforma dos forais novos da Estremadura já era cabeça do concelho ou Couto.

Neste documento valiosíssimo para todos os Cambrenses apareceram discriminados os lugares do concelho e as dívidas à Coroa, que eram pagas em géneros alimentícios e em dinheiro “(reais)”⁵.

“O valor deste diploma está em que ele constitui, antes de mais e por si mesmo um atestado da importância da Terra no conjunto do Reino. Mas, para além disso, é um documento precioso para se erguer a história do vosso concelho. Assim, permite-nos saber que nos finais da Idade Média / princípios da época Moderna a terra de Cambra vivia um período de crescimento porquanto uma parte do foral contempla os lugares novos que se estavam povoando e desenvolvendo (...). Por outro lado, elucida-nos sobre as actividades em que se ocupavam os vossos antepassados (...) através da indicação dos foros e tributos”.⁶

“As correcções do 2º Foral pressupõem a existência de um anterior. O primeiro Foral seria da época de D. Sancho I. D. Sancho I foi o 1º Rei a atribuir forais em Portugal, e deu a autonomia e autoridade aos povos da terra, em detrimento do conde e visconde. Assim, o 2º Foral constitui uma ‘regionalização da época’. Pressupõe uma nova divisão administrativa. O Foral é, assim, o ‘Bilhete de Identidade’ de uma terra, e sua independência em relação ao Rei”.⁷

⁵ Pinho da Cruz – “ ”, 1989.

⁶ Ribeiro da Silva, F. – “ ”, 1989.

⁷ Margarida Oliveira – *in* entrevista à equipa do PDM, Dezembro 1991.

O novo concelho de Cambra, foi criado por Decreto de 18 de Maio de 1832, fixando-se a sua sede em Macieira de Cambra, anexado posteriormente a Oliveira de Azeméis e voltando a ser independente a 13 de Janeiro de 1898.

Em 31 de Dezembro de 1926, pelo decreto 12976 foi extinto o concelho de Macieira de Cambra, transferindo-se a sede para o lugar da Gandra, na freguesia de Vila Chã, passando o concelho e a povoação a chamar-se Vale de Cambra.

A elevação a cidade da vila de Vale de Cambra foi aprovada na Assembleia da República em 20 de Maio de 1993, decisão publicada pelo D. L. n.º26/93, de 02 de Julho. Pelo mesmo D. L. foram elevadas a vila, São Pedro de Castelões e Macieira de Cambra.

Um concelho rico em tradição, com grande qualidade em termos de valores ambientais e com alguns exemplares dignos de integrar o património nacional (dois dos quais já dele fazendo parte), Vale de Cambra tem na sua história e na sua qualidade paisagística dois contributos potenciais importantes para o seu desenvolvimento a nível de actividade de turismo e recreio.

2. Valores Ambientais e Patrimoniais no concelho

2.1. Considerações

“(…) A preservação do património é uma actividade que não tem data. Na realidade, a multiplicidade de edifícios – monumentos, palácios, casas ou de construções urbanas, pelourinhos, estátuas, pontes, etc – que chegaram até aos nossos dias são disso testemunha.

Porém quando se fala de preservação do património não é ao acto em si que nos referimos mas sim à consciência colectiva de que o património deve ser

defendido e que por consequência ele está ameaçado. E quanto a esta realidade, aí sim, a defesa do património tem data e no que toca à nossa civilização é de recente época (...).⁸

Com efeito, o conceito de património construído tem vindo a sofrer uma evolução em simultâneo com a prática de urbanismo. Por outro lado, este conceito tem vindo a alargar-se a toda uma consideração do espaço envolvente e não ao ‘monumento’ por si só e a estender o seu âmbito para incluir o património natural, os valores ambientais e paisagísticos. Em paralelo ao reconhecimento da importância da qualidade do Ambiente para o bem-estar das comunidades e manutenção do sistema biótico em que o Homem se insere, o que resulta na maior ou menor atracção exercida por uma determinada área, assume-se uma consciência cada vez mais generalizada com o envolvimento de toda a população na protecção do Ambiente, sua valorização e preservação. A forma de entender a preservação deixa de ser a conservação pela conservação, para passar a ser uma preservação com o Homem, surgindo cada vez mais um rompimento com interpretações mais ou menos restritivas que, como refere Massapina⁹ estavam preferencialmente ligadas ao passado do conceito de património, substituindo o espírito museológico e conservador por uma atitude dinâmica, aberta e participativa virada para a construção do futuro.

A Lei nº107/2001, de 8 de Setembro, que estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, no seu artigo 2.º, integra no património cultural “todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização. Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória colectiva portuguesas”. Para além disso são incluídos no património os contextos dos bens materiais e imateriais com interesse cultural que possuem, pelo seu valor de testemunho, com

⁸ Filipe Marchand – “ “, 1989.

⁹ Massapina – “ “, 1984

aqueles uma relação interpretativa e informativa (artº 2º, nº6). Tem-se, assim, um conceito abrangente de património, incluindo os bens materiais e os bens imateriais, como por exemplo a língua portuguesa e as suas variedades regionais.

Em Portugal tem-se verificado uma crescente preocupação com a identificação, preservação e divulgação do nosso património. “(...) Este interesse, centrado inicialmente na preservação de monumentos de maior significado histórico, alargou-se posteriormente aos centros históricos e, mais recentemente, iniciou abordagens ambientalistas e ecologistas, numa visão globalizante dos problemas, tentando contrariar as agressões provocadas pelas rápidas e pouco qualificadas alterações urbanísticas das nossas cidades e pelas massivas alterações das nossas paisagens.¹⁰

2.2. Valores Ambientais

Ferreira de Castro escreveu como ninguém sobre a paisagem que o vale de Cambra proporciona. É, talvez, a mais bela descrição jamais efectuada sobre a multiplicidade de cores e à riqueza deste vale. “... Vê-se, logo adiante das Baralhas, panorama de pasmar. É o vale de Cambra. Quase ignorado até há pouco, a sua beleza adquire, dia a dia, maior renome. Cercado de montanhas de formas extravagantes, não é fácil descortinar em Portugal outro mais grandioso e espectacular. Quase não tem planos. A vista desce para a imensa cavidade onde refulgem o Caima e o Vigues; erra entre os campos agricultados e, depois, encontra, lá longe, o contraforte das serranias, onde branquejam dispersas aldeias, humildes casitas. A terra é verde e o céu é azul; é tudo verde e azul com raras pintas brancas do casaredo, que mais do que moradias dos homens parecem janelas da própria paisagem. Ao crepúsculo, porém o grande Vale sofre metamorfose, torna-se policromo e as suas cores separam-se, aqui, muito nítidas, e dissolvem-se e confundem-se além, num encanto visual

¹⁰ Flávio Lopes – “A Evolução do Pensamento Contemporâneo através da Leitura de Documentos Internacionais”, in *IPPAR – Património Arquitectónico e Arqueológico – Cartas e Convenções Internacionais*. Lisboa: MC/IPPAR, 1996.

indescritível. Nas noites de luar, quando o grande balão de oiro surge na lomba das montanhas, o Vale enche-se de magia, dum sortilégio que paira desde os píncaros às águas sussurantes do Caima. De manhã, é o milagre. Todos os dias há um milagre de luz sobre a terra quando o sol nasce em Vale de Cambra...”¹¹.

Em Vale de Cambra, a água aparece como um elemento estruturante de toda a paisagem e o verde, associado à qualidade e fertilidade dos seus solos, nomeadamente nas zonas de vale, domina.

Os valores ambientais estão fortemente relacionados com os lugares de valor excepcional para a protecção dos recursos naturais ou que se encontrem assinalados como possuindo valor pedagógico e turístico.

O património ambiental, como recurso, pode ser valorizado e potenciado para usos recreativos, numa harmonização entre a protecção e o desenvolvimento. Começaremos por identificar um conjunto de unidades/locais/zonas que, do ponto de vista ambiental, revelem qualidade. Alguns desses elementos terão potencialidades que poderão ser valorizadas com vista a um aproveitamento turístico/recreativo.

O actual aproveitamento das riquezas patrimoniais e histórico – culturais do concelho é, em grande parte, resultado da ausência de uma adequada promoção. Esta incipiente valorização do seu potencial representa um bloqueio às potencialidades de desenvolvimento de algumas áreas menos favorecidas. Por outro lado, a existência de recursos hídricos e paisagísticos convenientemente explorados, pode ser factor de atracção e mesmo fixação da população.

2.2.1. Unidades de Paisagem

¹¹ Ferreira de Castro - *A Selva*

O concelho de Vale de Cambra é constituído por uma zona interior, com características serranas, atingido altitudes superiores a 1 000 metros e com forte presença da água, marcando de forma intensa a paisagem deste concelho, sendo o concelho abrangido por uma enorme cobertura de bacias hidrográficas com valores ambientais intrínsecos reconhecidos como valores a proteger e a potencializar.

A área serrana é delimitada a nascente e sudeste por uma cadeia montanhosa – Serras de Montemuro, Arada, Freita, atingindo declives frequentemente superiores a 25%.

Dos valores ambientais destaca-se a existência de unidades naturais com qualidade paisagística apreciável - vale do rio Caima, vale do rio Viges, vale do rio Teixeira, vale de Vila Cova de Perrinho, Parque da S.^a da Saúde/Serra do Couto da Pedra Aguda e parte da Serra da Freita.

2.3. Valores Patrimoniais

O património monumental do concelho de Vale de Cambra embora não seja muito vasto, apresenta grande qualidade. O antigo núcleo urbano encontra-se, porém, descaracterizado. Esta questão poderá ser atribuída à noção de progresso defendida durante um período, a qual valorizava as construções em altura, inúmeras vezes sem defesa dos padrões estéticos. No entanto, é possível encontrar dois monumentos classificados no concelho (Imóveis de Interesse Público) – o Pelourinho de Macieira de Cambra, localizado no lugar da Praça, na freguesia de Macieira de Cambra, classificado por Decreto nº37366, de 05.04.49 e o Cruzeiro de Rôge, localizado no adro da Igreja de Rôge, classificado por Decreto nº23122, de 11.10.33. Por outro lado, o concelho dispõe de inúmeros edifícios com interesse – Casas solarengas, quintas, Igrejas e Capelas, Cruzeiros, fontes, etc – não classificadas, mas susceptíveis de o serem, estando inclusivamente em estudo pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) a eventual classificação da

Ponte de Cavalos, Ponte Velha de Padrastos, Conjunto da Ponte da Fontinha, Ponte do Castelo, Ponte de Coronados. Há, também, no concelho, alguns monumentos e sítios com pedido de instrução do processo de classificação, nomeadamente a Igreja Matriz de S. Pedro de Castelões, o Castro de Chão de Carvalho, o Conjunto Megalítico da Serra do Arestal, a Mamoa de Valinho e Outeiro de Riscos. Por outro lado, encontra-se no concelho todo um conjunto de áreas de grande valor ambiental, às quais é atribuída grande qualidade de paisagem e extensão de vistas.

3. Inventariação e Classificação dos Valores Ambientais e Patrimoniais do Concelho

Entendendo a necessidade de preservação do património construído do concelho de Vale de Cambra – recuperação de elementos degradados e manutenção da qualidade de outros – bem como a protecção da qualidade do Ambiente – despoluído, equilíbrio paisagístico – procedeu-se a uma inventariação e classificação dos valores patrimoniais – culturais e ambientais – do concelho.

Procedeu-se a um levantamento do Património Cultural e Ambiental relevante do concelho. Foi elaborada uma inventariação, por freguesia, localização específica, designação e descrição subdividida por temas. A metodologia utilizada assentou na pesquisa e selecção de informação documental existente sobre o concelho e no trabalho de campo para identificação e reconhecimento.

A – Aldeias a preservar – incluem-se aquelas aldeias, habitadas ou já desabitadas, com características construtivas específicas, nomeadamente pelos materiais usados, coberturas e que apresentam enquadramento paisagístico;

B – Igrejas e Capelas, Pelourinhos e Cruzeiros;

C – Locais de interesse histórico e arqueológico, (outeiros, castros, pontes, fontes), delimitados em carta arqueológica;

D – Locais de qualidade de paisagem e áreas de educação ambiental – são áreas que, pela visita ao terreno, revelam qualidade do ponto de vista paisagístico e que são susceptíveis de interesse para educação ambiental;

E – Locais de extensão de vistas – áreas em que a extensão e qualidade de território que é possível observar se apresentam como pontos de interesse turístico e paisagístico;

F – Imóveis com interesse, quintas – edifícios com ou sem envolvente que, pelo seu valor arquitectónico (arquitectura rural, industrial, contemporânea,...), marcam uma época e se interligam com a história do concelho.

G – Parques e Parques de Merendas

H – Açudes e Praias Fluviais

Para cada um dos temas atribuiu-se uma classificação:

- Imóvel de interesse público (classificado);
- Imóvel com classificação em estudo;
- Imóvel susceptível de classificação;
- Área ou imóvel com interesse.

Em determinados casos, foi atribuída a classificação de imóvel com interesse, apesar de possuir determinados elementos com características adequadas à possível classificação de interesse público, de entre os quais citamos a Igreja de Arões, que possui fachada setecentista, o retábulo principal com talha do fim do séc. XVII e a Pia Baptismal Manuelina (séc. XV); no entanto esta igreja sofreu ampliação nos fins dos anos 70, o que provocou a descaracterização do

conjunto. A Igreja de Codal constitui outro exemplo com retábulo de arte-sacra, da 1ª metade do séc. XVIII.

Os imóveis definidos como susceptíveis de classificação são aqueles que o Gabinete do PDM entende deverem ser objecto de proposta de classificação ao Instituto Português do Património Arquitectónico.

INVENTARIAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS VALORES AMBIENTAIS E PATRIMONIAIS DO CONCELHO DE VALE DE CAMBRA

| FREGUESIA | LOCALIZAÇÃO | DESIGNAÇÃO | DESCRIÇÃO | IMÓVEL |
|------------------------|---------------------------------------|---|--|--------|
| Arões | Arões | Igreja Matriz de Arões | Fachada setecentista (barroco), retábulo principal com talha do fim do séc. XVII; Pia Baptismal Manuelina (séc. XVI), sofreu ampliação recentemente (anos 70). | B |
| | Arões | Aldeia Rural | Pequeno núcleo de habitações a presevar | A |
| | Cabrum | Aldeia Rural | Pequeno núcleo de habitações a presevar | A |
| | Carvalhal do Chão | Aldeia Rural | Pequeno núcleo de habitações a presevar | A |
| | Chão do Carvalho | Aldeia Rural | Pequeno núcleo de habitações a presevar | A |
| | Divisão concelhia (S.P.Sul/V. Cambra) | Bacia do Rio Teixeira | Açudes que resultam em piscinas naturais | D |
| | Felgueira | Aldeia Rural | Pequeno núcleo de habitações a presevar | A |
| | Felgueira/Serra da Freita | Parque de Merendas | Parque equipado. Zonas de sombra. Espaço para piquenique. | G |
| | Lomba | Aldeia Típica (em socalcos) | Qualidade de Paisagem; Características Celtas; orientada N -S; Canastros em fila; casas de 1 piso em xisto; Qualidade de paisagem. | A |
| | Paraduça | Capela e Pelourinho | Grande qualidade arquitectónica. | B |
| | Souto Mau | Aldeia Rural | Pequeno núcleo de habitações a presevar | A |
| | Campo de Arca | Capela de S. Domingos | Antiga em pedra, pequena e baixa, restaurada em 1193, não sofreu alterações. Imagens antigas no interior. | B |
| | Paraduça | Capela Espírito Santo | Pequena capela de linhas simples; altar em talha com três nichos. Pelourinho junto à capela. | B |
| | Serra da Feita Vale do rio Teixeira | Perímetro florestal | Área de educação ambiental predominantemente pinheiro bravo | DE |
| Chão de Carvalho/Póvoa | Castro | A estação arqueológica parece estar delimitada a Norte, na zona do talvegue, por uma espessa muralha em pedra, hoje já muito derrubada. | C | |

Fonte: VALE DE CAMBRA, Câmara Municipal/P.D.M. – Recolha e tratamento da equipa, 2003

| FREGUESIA | LOCALIZAÇÃO | DESIGNAÇÃO | DESCRIÇÃO | IMÓVEL |
|-----------|-------------------------|--|--|--------|
| Cepelos | Batalha | Ponte Porto Cavalos | Estrada romana Porto/Viseu | C |
| | Casal | Igreja Matriz S. João Baptista | Iniciada no ano de 1957, foi construída no local da anterior, mas em posição inversa, da qual conserva várias imagens e o retábulo principal. Em 1980 realizou-se 2ª fase de acabamento | B |
| | Cepelos | Casa da Tulha | Fins do séc. XVIII. Casa Brasonada. Portal adjacente em granito, rematado em cruz, com grande interesse arquitectónico. Consta ter sido Tulha ou celeiro o convento de S. Mafalda de Arouca. Funciona actualmente como pólo museológico. | F |
| | Gatão | Outeiro dos riscos | Área de interesse arqueológico | C |
| | Gatão | Aldeia a preservar | Pequeno núcleo de habitações a preservar | A |
| | Gatão / Vilar | Vista da Serra da Freita | Queda de Água | D |
| | Irijó | Miradouro da Máo | Extensão de vistas para Sul e Oeste do concelho. | DE |
| | Passô | Travessa | Extensão de vistas | DE |
| | Viadal | N.ª S.ª da Ouvida (Capela e Parque) | Área de lazer. Bom enquadramento paisagístico. | BDE |
| | Cepelos | Capela de N.ª S.ª Amparo | Altar-mor dos princípio do séc. XVIII . | B |
| | Gatão | Capela do Espírito Santo | Totalmente reformada na segunda metade do século XIX. Possui duas imagens em pedra ançã no interior. | B |
| | Vilar | Poça dos cravos / Cadeira do Rei | Transformações da natureza / local de culto / extensão de vistas. | D |
| | Cepelos/Alto de Currais | Mirante | Extensão de vistas. | DE |
| Codal | Estrada | Casa das Agrads | Bom estado de conservação. De 1887. | F |
| | Fundo da Aldeia | Quinta dos Negrais | Fins do séc. XVIII. Capela do séc. XIX; altar de influência renascentista. | F |
| | Fundo da Aldeia | Moinhos (sete) | Mau estado de conservação. Qualidade de paisagem. | D |
| | Igreja | Igreja de S. Tiago | Data do séc.XVIII. Fachada do tipo tradicional. Destaque para o arco cruzeiro no interior.Altar em arte sacra. | B |
| | Lagos | Parque de Lazer | Parque equipado. Zonas de sombra. Espaço para piquenique. | G |
| | N.ª Senhora da Graça | Santuário e miradouro das sete cidades | Extensão de vistas de Aveiro ao Porto | BE |
| | Paúl | Casa do Paúl | Segunda metade séc. XVIII. Casa rural com pátio interior. | F |

Fonte: VALE DE CAMBRA, Câmara Municipal/P.D.M. – Recolha e tratamento da equipa, 2003

| FREGUESIA | LOCALIZAÇÃO | DESIGNAÇÃO | DESCRIÇÃO | IMÓVEL |
|--------------------|--------------------|---|--|--------|
| Junqueira | Arestal | Capela de S. Tiago e largo da feira; Serra e Parque | Assenta numa chã, a cerca de 880m de altitude. Fins do séc. XVIII, com reformas posteriores. Bom enquadramento paisagístico e espaço de recreio. | BD |
| | Carvalhal | Menir de Lameirinhos | Lameirinhos | C |
| | Chã | Mamoas | Mamoas com cerca de vinte e cinco metros de diâmetro. Trata-se de um monumento de dimensões apreciáveis e de uma certa imponência. | C |
| | Chã / Folhense | Área de protecção de azevinho | Área de educação ambiental e de qualidade de paisagem | D |
| | Currais | Capela de N.ª S.ª de Lourdes | Capela em bom estado; Espaço exterior; Vista panorâmica | B |
| | Currais | Aldeia Rural | Núcleo antigo a preservar | A |
| | Falcão/Calvela | Aldeia Rural | Núcleo antigo a preservar | A |
| | Folhense | Menir de Lameirinhos | Lameirinhos | C |
| | Junqueira de Cima | Antiga e Nova Igreja Matriz | Ínicios do séc. XVIII. Torre lateral de estilo gótico. | B |
| | Junqueira de Cima | | Qualidade de paisagem e extensão de vistas | B |
| | Junqueira de Baixo | Casas Antigas | Núcleo antigo a preservar | A |
| Pontemieiro | Praia Fluvial | Espaço de recreio e lazer | H | |
| Macieira de Cambra | Algeriz | "Olho Marinho" | Local de extensão de vistas. "Alcança" o mar. Percurso pedestre. | CD |
| | Calvário | Capela do S.º Calvário | Capela em granito. Fachada principal revestida a azulejo com alguns pormenores arquitectónicos | B |
| | Cerejeiras | Quinta das Cerejeiras | Imóvel com interesse | F |
| | Costa Anelha | Quinta da Progresso | Imóvel com interesse, em recuperação para estalagem. | F |
| | Padraços | Ponte de Padraços ou Ponte Velha | Pequena albufeira. Possível recuperação para recreio. Excelente inserção paisagística. | C |
| | Praça | Igreja Matriz N.ª S.ª da Natividade / Cruzeiro | Fachada central c/azulejo antigo. Interior em bom estado de conservação. Cruzeiro séc. XVIII. | B |
| | Praça | Pelourinho | Séc. XVI com coluna oitavada. | B |
| | Praça | Casa da Câmara Ar – Alto | Antigo paços do concelho. Fins séc. XIX. Instalações do Museu Municipal. | F |
| Porto Novo | Aldeia Rural | Núcleo antigo a preservar | A | |
| Rôge | Centro de Rôge | Casa do Paço | Casa solarenga. Várias fases de construção. Capela do séc.XVIII | C |
| | Carvalheda | Aldeia Rural | Núcleo antigo a preservar | A |
| | Função | Parque N.ª S.ª do Desterro | Área de lazer. Bom enquadramento paisagístico. Presença de água. Extensão de vistas. | BD |
| | Moreira | Fonte Moreira | Com anfiteatro ao ar livre. Junto ao Centro Cívico. | C |
| | Moreira | Fonte do Passal | No Adro da igreja. | C |
| | Moreira | Cruzeiro | Obra setecentista em granito, com 14 m de altura, assente em quatro esculturas | B |
| | Moreira | Igreja Matriz S. Salvador | 1ª metade do séc. XVIII. Frontaria em cantaria rica interior com elemento arquitectónico. | B |
| | Paço de Mato | Vista do vale e ponte | Grande amplitude visual e qualidade de paisagem | DE |

| FREGUESIA | LOCALIZAÇÃO | DESIGNAÇÃO | DESCRIÇÃO | IMÓVEL |
|-----------------------|-----------------------------|--|--|--------|
| Rôge | Paço de Mato | Açude de Paço de Mato | Espaço de pic-nic, água | H |
| | Pisão | Ponte do Pisão | Com arco semi-circular ligava Sandiães a Cepelos de Baixo | C |
| | Rôge / Barragem Eng.º D. P. | Ponte do Castelo do Mau Vizinho | Ponte sobre o rio caíma. Excelente inserção paisagística. | C |
| | Sandiães | Castelo, Castelo do Mau Vizinho | Castro romanizado | C |
| | Sandiães / Vila Nova | Barragem Eng.º Duarte Pacheco | Qualidade de paisagem e espaço de recreio e lazer. Possibilidade de prática de desportos náuticos não motorizados. | D |
| | Santa Cruz | Capela de S. Helena | Altar-mor em talha dourada | B |
| | Trebilhadouro | Aldeia Rural | Possível recuperação para turismo rural. | A |
| | Paço de Mato | Ponte da Fontinha de Paço de Mato | Ponte antiga em pedra. | C |
| S. Pedro de Castelões | Areias | Solar de Areias | Solar com Capela com azulejos do séc. XVIII e altar mor de talha dourada Brasão do séc. XVIII em calcário de Ançã. | F |
| | Areias | Casa Solarenga - Quinta do Castelo | Quinta; Serviço de banquetes. | F |
| | Baçar | Casa do Baçar | Casa do 1º visconde de Baçar. Casa com capela, data do séc.XVIII (quase em ruínas) | F |
| | Baralhas | Miradouro das Baralhas | Extensão de vistas. Visualização do vale. | DE |
| | Burgães | Praia fluvial de Burgães | Espaço de recreio e lazer. | H |
| | Cavião | Vista da Escola | Vale Agrícola. Qualidade de paisagem. | DE |
| | Cavião | Associação Dr. Manuel Luciano da Silva | Biblioteca; Espaço cultural. Imóvel com interesse. | F |
| | Coelhosa | Capela de S. Gonçalo | Inaugurada em 1889 e renovada em 1900. Dois nichos na frontaria. Conserva pequeno retábulo em madeira da antiga capela (séc. XVII) | B |
| | Coelhosa | Sede da Santa Casa da Misericórdia | Casa com escadaria em pedra. | F |
| | Côvo (E. N. 328) | Miradouro e Fontanário | Vista Panorâmica sobre a cidade | CDE |
| | Dairas | Parque das Carvalhas | Espaço de recreio, junto ao estádio municipal. Carvalhos centenários | D |
| | Decide | Miradouro | Amplitude visual. Visualização da área florestal | DE |
| | Dois | Capela das Almas | Capela particular (séc. XVII). Retábulo de finais séc. XVII. | B |
| | Entre Pontes | Ponte dos Coronados | Ponte com dois arcos. Ocupa um lugar plano e idílico. Ponte românica recuperada recentemente | C |
| | Gestoso | Santuário e Parque de N.ª S.ª da Saúde | Centro de peregrinação religiosa. Bom enquadramento paisagístico. Igreja com retábulo de madeira entalhada na sacristia, da 2ª metade do séc. XVIII. | BD |
| Gestoso | Miradouro de Gestoso | Extensão de vistas. | DE | |

Fonte: VALE DE CAMBRA, Câmara Municipal/P.D.M. – Recolha e tratamento da equipa, 2003

| FREGUESIA | LOCALIZAÇÃO | DESIGNAÇÃO | DESCRIÇÃO | IMÓVEL |
|-----------------------|--|--|--|--------|
| S. Pedro de Castelões | Igreja | Igreja Matriz de S. Pedro de Castelões | Séc. XVI - Altar em estilo barroco, interior recuperado recentemente. Igreja de três naves, arcadas baixas e com arco cruzeiro em talha dourada dos inícios do séc. XVII. Órgão tubular estilo D. João V. | B |
| | Janardo | Alto do Picôto | Qualidade de paisagem | DE |
| | Macinhata | Capela de N. S. ^a da Piedade | Início do séc. XVIII. | B |
| | Mouta | Casa da Mouta de Baixo | Com capela que data do séc. XVIII | F |
| | Paredes (E. M. 552, Km 2,5) | Miradouro de Paredes | Amplitude visual e qualidade de paisagem | DE |
| | Valinho | Mamoá | Mamoá com cerca de vinte metros de diâmetro por dois de altura. | C |
| | Cartim | Casa da Bouça de Cartim | Arquitectura Rural. Bom estado de conservação. | F |
| | Cabril | Casa de Cabril | Arquitectura Rural | F |
| | Mata (E.N. 328, Km 7) | Miradouro da Mata | Eucaliptos dificultam a extensão de vistas, necessidade de limpeza e desbaste. | DE |
| Vila Chã | Av. Camilo de Matos | Câmara Municipal | Edifício do início do século, com interesse. | F |
| | Lordelo | Capela S. ^a das Dores | Retábulo com talha do séc. XVII. | B |
| | Ponte da Gândara | Casa do Simons | Data de 1911 Exemplar de arquitectura industrial. | F |
| | Portela | Solar de Refojos | Solar do início do séc. XVIII, com duas monumentais escadarias exteriores. Possui capela setecentista. Excelente inserção paisagística. Péssimo estado de conservação. | F |
| | Teamonde | Casa do Correia - Dr. Teixeira da Silva | Casa solarenga. Início de construção do séc. XVIII. Ampliação séc. XIX. Recuperada a partir dos anos 60. | F |
| | Vale de Cambra | Santuário de S. António | De 1993. Espaço polivalente que para além da capela do Santíssimo e da Igreja, possui centro social com auditório para 300 pessoas, salas para catequese e convívio. Vitrais riquíssimos onde está retratada a última ceia | B |
| | Vale de Cambra | Capela de S. António | Capela deste séc. com algum interesse. Santo padroeiro do concelho. | B |
| | Vale de Cambra | Jardim da Feira dos Ovos | Jardim com fonte de interesse. Local onde se realizava a feira dos ovos | D |
| | Vale de Cambra | Biblioteca Municipal | Espaço cultural/multifuncional. Imóvel de arquitectura contemporânea, com interesse. | F |
| Vila Chã | Igreja Matriz N. ^a S. ^a da Purificação | Começos do séc. XVIII. O retábulo do altar-mor é uma obra do séc. XVII e XVIII | B | |
| Vila Cova de Perrinho | Igreja | Igreja Matriz S. João Baptista | Construção em cantaria. Data de começos do séc. XVIII. Restaurada em 1960 e ampliada em 1992. Revestida a azulejos com motivos figurativos | B |
| | Igreja | Cruzeiro | Data da 1. ^a metade séc. XVIII. Do tipo Calvário. Junto à igreja. | B |
| | Rossio | Achados arqueológicos (junto das estufas); Necrópole do Rossio | Importante conjunto de fossas ovóides | C |

Fonte: VALE DE CAMBRA, Câmara Municipal/P.D.M. – Recolha e tratamento da equipa, 2003

| FREGUESIA | LOCALIZAÇÃO | DESIGNAÇÃO | DESCRIÇÃO | IMÓVEL |
|-----------------------|---------------|---|--|--------|
| Vila Cova de Perrinho | Rossio | Viso do Rossio | Qualidade de paisagem | CD |
| | Rossio | Pisão dos Lagos - Património Ambiental; Casa do engenho do linho; Moinhos | Qualidade de paisagem; mancha agro-florestal; Pisão do linho. Área de património ambiental | CDE |
| | V.C. Perrinho | Vale de V.C.Perrinho | Unidade paisagística de elevada qualidade ambiental | D |

Fonte: VALE DE CAMBRA, Câmara Municipal/P.D.M. – Recolha e tratamento da equipa, 2003

A – Aldeias Rurais;

B – Igrejas e Capelas, Pelourinhos e Cruzeiros;

C – Locais de interesse histórico e arqueológico, (outeiros, castros, pontes, fontes);

D – Locais de qualidade de paisagem e áreas de educação ambiental;

E – Locais de extensão de vistas;

F – Imóveis com interesse.

G – Parques e Parque de merendas.

H – Açudes e Praias Fluviais.

4. Valores Arqueológicos

“(…) Nas sociedades Europeias do século XX, profundamente empenhadas em afirmar a sua identidade cultural, a conservação do património arqueológico constitui um objectivo muito importante das políticas governamentais. Ora os valores arqueológicos não existem suspensos no vazio. Materializam-se em ruínas e objectos, ou fragmentos, que jazem no solo. Uma vez retirados do solo, perdem o seu valor enquanto conhecimento e são apenas peças de museu. Se não forem exumados segundo registos próprios (escavações arqueológicas), embora mantenham um valor intrínseco perdem o seu significado como testemunhos materiais de uma comunidade. (...) A grande aposta das políticas culturais dos governos da Europa Ocidental é a conservação *in situ*. Por este motivo verifica-se uma preocupação crescente em preservar os lugares onde se sabe, ou se suspeita, que existem ruínas ou objectos arqueológicos no subsolo. Na verdade, em poucas horas, a florestação do cume de uma serra pode destruir testemunhos que sobreviveram à usura de séculos ou mesmo milénios. Esta grande fragilidade dos vestígios arqueológicos aconselha especiais medidas de protecção e, em especial, a sua inserção na política de ordenamento do território, de tal modo

que o desenvolvimento não se realize à custa da destruição das memórias do passado (...)¹².

Em 2001 foi elaborada a Carta Arqueológica do concelho, que vem permitir ao município dispor de um documento que identifique o seu património arqueológico, já de há muitos anos evocado pelos estudiosos que, pelo seu significado, reivindicavam um “...trabalho de fôlego (...) no sentido de avaliar a amplitude cronológico-cultural do povoamento pré e proto-histórico da região”¹³

¹² Sande Lemos – *Arqueologia e Território*. Porto: MPAT/CCRN, 1991

¹³ F. Pereira da Silva – “Mamoas de Valinhos (S. Pedro de Castelões- Vale de Cambra)”. In *Boletim Cultural de Vale de Cambra*, nº 1. Vale de Cambra: Câmara Municipal, 1997.p.11

INVENTARIAÇÃO DOS VALORES ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE VALE DE CAMBRA

| FREGUESIA | LOCALIZAÇÃO | DESIGNAÇÃO | DESCRIÇÃO | Época | TIPO |
|-----------|-----------------------------|---|--|--------------------------------|--------|
| Arões | Felgueira | Mamoa 1 de Ladeiras do Côvo | Pequena mamoa com cerca de nove metros no eixo Norte-Sul, e sete metros no eixo Leste-Oeste. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoa |
| | Felgueira | Mamoa 2 de Ladeiras do Côvo | Mamoa de dimensões bastante reduzidas, com cerca de três metros e sessenta de diâmetro por quarenta centímetros de altura. | Idade do Bronze (Médio/ Final) | Mamoa |
| | Felgueira | Mamoa 3 de Ladeiras do Côvo | Pequena mamoa pouco perceptível na paisagem, apresentando cerca de quatro metros de diâmetro por meio metro de altura e uma ligeira depressão central. | Idade do Bronze | Mamoa |
| | Felgueira | Mamoa 4 de Ladeiras do Côvo | Mamoa algo destacada na periferia de uma pequena rechã, com cerca de oito metros de diâmetro por cerca de sessenta centímetros de altura, não se notando depressão central sensível. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoa |
| | Felgueira | Mamoa 1 do Pico do Gralheiro | Pequena mamoa da qual não se vêem vestígios de esteios ou de couraça, mede cerca de cinco metros de diâmetro por cinquenta centímetros. | Idade do Bronze | Mamoa |
| | Felgueira | Mamoa 2 do Pico do Gralheiro | Pequena mamoa com cerca de dois metros de diâmetro e cerca de trinta centímetros de altura. | Idade do Bronze | Mamoa |
| | Chão do Carvalho | Castro de Chão do Carvalho | A estação arqueológica parece estar delimitada a Norte, na zona do talvegue, por uma espessa muralha em pedra, hoje já muito derrubada. | Castrejo/ Romano | Castro |
| | Arões | Mamoa do Alto do Cruzeiro | Mamoa com cerca de sete metros de diâmetro e um metro de altura, com bom destaque no local. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Ervedoso | Mamoa 1 de Outeiro de Gordo | Mamoa situada no topo de um cabeço destacado, apresentando-se já bastante abatida. Tem cerca de nove metros de diâmetro. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoa |
| | Ervedoso | Mamoa 2 de Outeiro de Gordo | Mamoa com cerca de dez metros de diâmetro e sessenta centímetros de altura, bastante obstruída pela vegetação arbustiva e por pinheiros. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoa |
| | Ervedoso | Mamoa 3 de Outeiro de Gordo | Mamoa com cerca de dezoito metros de diâmetro por dois metros e vinte de altura, bastante obstruída pela vegetação rasteira. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Ervedoso | Mamoa 4 de Outeiro de Gordo | Mamoa com cerca de oito metros de diâmetro por oitenta centímetros de altura, bastante obstruída pela vegetação. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoa |
| | Ervedoso | Mamoa 5 de Outeiro de Gordo | Elevação uniforme com cerca de doze metros de diâmetro. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoa |
| Ervedoso | Mamoa 6 de Outeiro de Gordo | Pequeno montículo muito abatido, quase imperceptível na paisagem com cerca de quatro metros de diâmetro por trinta centímetros de altura. | Idade do Bronze | Mamoa | |

Fonte: Carta Arqueológica do concelho de Vale de Cambra, 2001

| FREGUESIA | LOCALIZAÇÃO | DESIGNAÇÃO | DESCRIÇÃO | Época | TIPO |
|-----------|-------------|-----------------------|--|---------------------------------|---------------------------------|
| Arões | Ervedoso | Mamoia 1 do Cruzeiro | A mamoia situa-se no topo de um pequeno cabeço, apresentando-se bastante esbatida. Tem cerca de oito metros de diâmetro por cinquenta centímetros de altura. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoia |
| | Cercal | Mamoia das Novas | A mamoia apresentava-se bastante degradada e destruída pela vegetação, vendo-se restos de couraça lítica. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoia |
| | Cercal | Mamoia 6 da Cerqueira | Monumento com cerca de treze metros de diâmetro no eixo Leste-Oeste. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoia |
| | Cercal | Mamoia 7 da Cerqueira | A mamoia encontra-se implantada sobre uma grande laje de afloramento granítico, medindo cerca de nove metros de diâmetro. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoia |
| | Cercal | Mamoia 8 da Cerqueira | A mamoia encontra-se implantada sobre uma grande laje de afloramento granítico, medindo cerca de nove metros de diâmetro. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoia |
| | Souto Mau | Castro de Souto Mau | A parte superior do cabeço apresenta alguns ténues vestígios da existência de plataformas, as quais poderão ser consentâneas com sistemas agrícolas já abandonados. | Castrejo/ Romano | Castro |
| Cepelos | Gatão | Castelos | Pequeno povoado ou casal de época romana, junto com vestígios de uma necrópole tardo-romana. | Romaniza ção/Baixo Império | Casal de época romana/Necrópole |
| | Gatão | Outeiro dos Riscos II | Pequena rocha com algum pendore e superfície irregular, voltada a poente, bastante marcada pela erosão, e denotando algumas irregularidades referentes a desgaste nos alinhamentos de clivagem do granito. | Idade do Bronze? | Gravuras rupestres |
| | Gatão | Outeiro dos Riscos | Monólito de granito de tamanho apreciável, formando um pequeno cabeço na periferia de uma pequena chã, e no início de uma encosta voltada a Noroeste. As gravuras situam-se na face voltada ao talvegue. | Neolítico/ Calcolítico | Gravuras rupestres |
| Codal | Codal | Mamoia de Armental | Pequena mamoia situada no cume arredondado do monte. A mamoia é bastante baixa e pouco visível, não ultrapassando os trinta/quarenta centímetros de altura. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoia |
| Junqueira | Falcão | Mamoia 1 de Falcão | Pequena mamoia com cerca de cinquenta centímetros de altura e sete metros de diâmetro. Apresenta o lado Oeste da calote bastante abatido e destruído, notando-se uma depressão central relativamente uniforme. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoia |
| | Póvoa | Mamoia do Vale Mau | Pequena mamoia pouco perceptível na paisagem, com cerca de sete metros de diâmetro por meio metro de altura. Algumas pedras dispersas de granito poderão indicar a existência de couraça. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoia |

Fonte: Carta Arqueológica do concelho de Vale de Cambra, 2001

| FREGUESIA | LOCALIZAÇÃO | DESIGNAÇÃO | DESCRIÇÃO | Época | TIPO |
|-----------|--------------------|-------------------------------------|---|---------------------------|-------|
| Junqueira | Junqueira de Baixo | Mamoa 1 da Fraga | Mamoa com cerca de catorze metros de diâmetro e um metro e oitenta de altura, vendo-se ao centro uma pequena cratera de violação onde, apesar de obstruída pela vegetação, se notam dois esteios e uma laje tombada, a qual aparenta ser um fragmento de cobertura. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Chã | Mamoa 1 da Presa Grande | Mamoa com cerca de vinte e cinco metros de diâmetro. Trata-se de um monumento de dimensões apreciáveis e de uma certa imponência, hoje pouco perceptível pela obstrução de árvores e arbustos. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Chã | Mamoa 2 da Presa Grande | Mamoa com cerca de quinze metros de diâmetro, vendo-se vestígios de couraça lítica, bem como uma ligeira depressão central, resultado de violação, na qual não se divisam esteios. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Chã | Mamoa das Águas | Monumento de certa imponência, com bom enquadramento na paisagem e visibilidade no terreno. A mamoa é de configuração elíptica. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Chã | Mamoa do Cimo do Lameiro | Mamoa com cerca de vinte metros de diâmetro no eixo N/S e vinte e dois no eixo L/O, larga e profunda cratera de violação. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Chã | Mamoa do Lameiro | Monumento de câmara poligonal fechada, conservando ainda seis esteios in situ. Mede de diagonal entre oitenta centímetros e um metro de comprimento. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Folhense | Mamoa de Preirada – Outeiro Castêlo | Mamoa bem destacada na paisagem circundante, apresentando um diâmetro de cerca de dezoito metros por um metro e meio da altura, com uma depressão central. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Folhense | Mamoa da Cruz – Lameiro Longo | Mamoa com cerca de dezasseis metros de diâmetro, encontrando-se bastante destruída na área da câmara e do seu lado Norte. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Folhense | Menir de Lameirinhos | Pequeno monólito em granito, de formato alongado irregular, e extremo superior boleado e assimétrico. | Neolítico/ Calcolítico | Menir |
| | Carvalhal | Menir do Carvalhal | Monólito em granito, de formato alongado e secção sub-rectangular com cantos arredondados, mais alargada na base e afinando na extremidade oposta, na qual apresenta um ligeiro boleamento. | Neolítico | Menir |
| | Agros | Mamoa 1 da Sobreirinha | Mamoa de configuração elíptica com diâmetro de cerca de vinte e um metros no eixo Norte-Sul, e cerca de vinte e sete metros no eixo Leste-Oeste. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Agros | Mamoa 2 da Sobreirinha | Pequena mamoa bastante abatida, com cerca de sessenta centímetros de altura e dez metros de diâmetro, com uma larga depressão de violação ao centro. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |

Fonte: Carta Arqueológica do concelho de Vale de Cambra, 2001

| FREGUESIA | LOCALIZAÇÃO | DESIGNAÇÃO | DESCRIÇÃO | Época | TIPO |
|--------------------|---------------|-------------------------|--|----------------------------------|-------------------|
| Macieira de Cambra | Rossio | Mamoa 3 do Rossio | Mamoa com cerca de dez metros de diâmetro por um metro de altura, delimitada por duas caneluras do terreno, resultantes do escoamento de águas pluviais. | Neolítico/ Idade do Bronze | Mamoa |
| | Rossio | Mamoa 2 do Rossio | Mamoa com cerca de dez metros de diâmetro por cerca de um metro de altura, bem destacada no terreno por estar ladeada por duas depressões alongadas correspondentes a duas linhas de água. | Neolítico/ Idade do Bronze | Mamoa |
| Rôge | Carvalheda | Mamoa 1 da Cumieira | A mamoa tem um diâmetro aproximado de dezasseis metros com cerca de um metro e meio de altura. Apresenta uma planta circular, regular, com violação central não se divisando vestígios de esteios. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Carvalheda | Mamoa 2 da Cumieira | A mamoa aparenta ter configuração regular, com um diâmetro aproximado de catorze metros por cerca de um metro de altura. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Carvalheda | Mamoa 1 da Devesa | Mamoa com cerca de doze metros de diâmetro por cerca de um metro e meio de altura, apresentando uma depressão central na qual não se vêem vestígios de esteios. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Carvalheda | Mamoa 2 da Devesa | Pequena elevação com cerca de seis metros de diâmetro e cinquenta centímetros de altura, com uma ligeira depressão ao centro. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Carvalheda | Mamoa 3 da Devesa | Mamoa cujas dimensões rondarão os dezasseis metros de diâmetro por cerca de dois metros de altura. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Tribilhadoiro | Mamoa do Tribilhadoiro | Mamoa com boa visibilidade na paisagem de cerca de onze metros por pouco mais de um metro de altura, ostentando cratera de violação na qual ainda se encontram dois esteios pequenos. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Sandiães | Mamoa 1 da Curva Cega | Mamoa baixa e algo ampla, dissimulada na paisagem, cerceada do lado Norte por um muro. Tem cerca de oito metros de diâmetro por cerca de quarenta centímetros de altura. | Calcolítico / Idade do Bronze | Mamoa |
| | Sandiães | Mamoa da Quinta da Neta | Mamoa pouco destacada na paisagem, com diâmetro de cerca de doze metros por cerca de um metro de altura. Apresenta uma depressão central, na qual não se vêem esteios. | Neolítico/ Calcolítico | Mamoa |
| | Sandiães | Castelo do Mau Vizinho | É possível que o povoado se circunscrevesse ao pequeno cabeço semi-circundado pelo rio. | Idade do Ferro/ Romanização | Castro romanizado |

Fonte: Carta Arqueológica do concelho de Vale de Cambra, 2001

| FREGUESIA | LOCALIZAÇÃO | DESIGNAÇÃO | DESCRIÇÃO | Época | TIPO |
|-----------------------|----------------|---------------------|--|------------------------------|--------------------------|
| S. Pedro de Castelões | Cimo da Aldeia | Mamoa de Valinhos | Mamoa com cerca de vinte metros de diâmetro por dois de altura. | Calcolítico | Mamoa |
| | Baralhas | Castro de Baralhas | Parece tratar-se de um esconderijo ou depósito, dissociado quer do castro, do qual está afastado, quer de qualquer outro habitat. Não se deverá descartar a possibilidade de o proprietário destas peças ser um habitante do povoado situado no "Craсто". | Idade do Bronze Final | Esconderijo |
| | Igreja | Mamoa 1 da Igreja | Mamoa de grandes dimensões, com cerca de vinte metros de diâmetro por dois e meio de altura. | Neolítico/Idade do Bronze | Mamoa |
| | Gestoso | Senhora da Saúde | Machado em pedra polida. Trata-se de um vestígio disperso indicador de ocupação na área onde hoje se situa o terreiro adjacente ao santuário da Senhora da Saúde. | Neolítico/Idade do Bronze | Vestígio disperso |
| | Janardo | Mamoa 2 da Lomba | Mamoa bem destacada no esporão, rasgada ao meio por um sulco de drenagem e delimitação. | Neolítico/Idade do Bronze | Mamoa |
| Vila Chã | Muradal | Muradal | As características dos vestígios encontrados, junto com a configuração do terreno, em cabeço voltado ao vale, parece indicar um habitat não defendido, de tipo agrícola, e de época calaico-romana. | Romanização | Casal Romano? |
| Vila Cova de Perrinho | Rossio | Mamoa 1 do Rossio | Esta mamoa encontrava-se bastante degradada à data da escavação, constando de uma mamoa com cerca de sete metros de diâmetro por cerca de cinquenta centímetros de altura. | Calcolítico | Mamoa |
| | Rossio | Mamoa 4 do Rossio | Pequena elevação com cerca de sete metros de diâmetro. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoa |
| | Rossio | Mamoa 1 do Craсто | Mamoa com cerca de quinze metros de diâmetro e um metro de alto, apresentando uma larga cratera de violação no centro, sobre a qual existe um pequeno carvalho. | Neolítico/Idade do Bronze | Mamoa |
| | Pintalhos | Mamoa 2 do Craсто | Pequena elevação com cerca de quatro metros de diâmetro. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoa |
| | Pintalhos | Mamoa 3 do Craсто | Pequena elevação com cerca de quatro metros de diâmetro. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoa |
| | Pintalhos | Mamoa 4 do Craсто | Pequena elevação com cerca de quatro metros de diâmetro, e cerca de trinta centímetros de altura. Notam-se vestígios de uma couraça de pequenas pedras. | Calcolítico /Idade do Bronze | Mamoa |
| | Rossio | Monte Craсто | Informações orais de habitantes do local permitem situar o local dos achados metálicos da Idade do Bronze de Vila Cova de Perrinho numa encosta, em circunstâncias e enquadramento consentâneas com o que temos vindo a designar por "esconderijo", em fossas. | Idade do Bronze Final III | Esconderijo? /Necrópole? |
| | Rossio | Necrópole do Rossio | Importante conjunto de fossas ovóides com dimensões médias de cerca de um metro de diâmetro por noventa centímetros de profundidade. | Final da Idade do Bronze | Necrópole |

Fonte: Carta Arqueológica do concelho de Vale de Cambra, 2001

Munidas do conhecimento dos valores arqueológicos locais, da sua importância científica e cultural, as autarquias locais dispõem de um ponto de partida para a sua preservação. A consciencialização pública para estes valores poder-se-á traduzir num empenhamento da população na conservação do património arqueológico concelhio.

5. Síntese

Em Vale de Cambra, a água aparece como um elemento estruturante de toda a paisagem e o verde, associado à qualidade e fertilidade dos seus solos, nomeadamente nas zonas de vale, domina.

O concelho de Vale de Cambra é constituído por uma zona interior, com características serranas, com forte presença da água, marcando de forma intensa a paisagem, e abrangido por uma enorme cobertura de bacias hidrográficas constituindo valores ambientais intrínsecos a proteger e a potencializar.

A área serrana é delimitada a nascente e sudeste por uma cadeia montanhosa – Serras de Montemuro, Arada, Freita, atingindo declives frequentemente superiores a 25%.

Dos valores ambientais destaca-se a existência de unidades naturais com qualidade paisagística apreciável - vale do rio Caima, vale do rio Viques, vale do rio Teixeira, vale de Vila Cova de Perrinho, Parque da S.^a da Saúde/Serra do Couto da Pedra Aguda e parte da Serra da Freita. Encontra-se, efectivamente, no concelho, todo um conjunto de áreas de grande valor ambiental, às quais é atribuída grande qualidade de paisagem e extensão de vistas.

O património monumental de Vale de Cambra embora não seja muito vasto, apresenta grande qualidade. É possível encontrar dois monumentos classificados no concelho (Imóveis de Interesse Público) – o Pelourinho de Macieira de Cambra, localizado no lugar da Praça, na freguesia de Macieira de Cambra, classificado por Decreto nº37366, de 05.04.49 e o Cruzeiro de Rôge, localizado no adro da Igreja de Rôge, classificado por Decreto nº23122, de 11.10.33. Por outro lado, o concelho dispõe de inúmeros edifícios com interesse – Casas solarengas, quintas, Igrejas e Capelas, Cruzeiros, fontes, etc – não classificadas, mas susceptíveis de o serem, estando inclusivamente em

estudo pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) a eventual classificação da Ponte de Cavalos, Ponte Velha de Padraços, Conjunto da Ponte da Fontinha, Ponte do Castelo, Ponte de Coronados. Há, também, no concelho, alguns monumentos e sítios com pedido de instrução do processo de classificação, nomeadamente a Igreja Matriz de S. Pedro de Castelões, o Castro de Chão de Carvalho, o Conjunto Megalítico da Serra do Arestal, a Mamoa de Valinho e Outeiro de Riscos.

Alguns daqueles pedidos de instrução de classificação dizem respeito, com efeito, aos valores arqueológicas. Com efeito, a protecção do património arqueológico constitui preocupação crescente. A sua inserção no ordenamento do território permite evitar a destruição de memórias que constituem uma forma de conhecer o passado.

Em 2001 foi elaborada a carta arqueológica concelhia que veio permitir ao município dispor de um documento que identifique o seu património arqueológico. Inventariaram-se, com base no trabalho produzido, os valores arqueológicos concelhios localizando-os, tipificando-os e descrevendo-os.

Índice:

| | |
|---|----|
| 1. Alguns Dados Históricos do Concelho..... | 3 |
| 2. Valores Ambientais e Patrimoniais no concelho..... | 5 |
| 2.1. Considerações..... | 5 |
| 2.2. Valores Ambientais..... | 7 |
| 2.2.1. Unidades de Paisagem..... | 8 |
| 2.3. Valores Patrimoniais..... | 9 |
| 3. Inventariação e Classificação dos Valores Ambientais e Patrimoniais do Concelho. . | 10 |
| 4. Valores Arqueológicos..... | 17 |
| 5. Síntese..... | 25 |